

Congresso Convergência Barcelona 2023

Que ética para a prática clínica atual?

Texto dedicado a Héctor Rupolo

Parto de uma citação de J. Lacan, Seminário VII, A Ética da Psicanálise:

“A ética a que a psicanálise nos conduz é a relação da ação com o desejo que a habita”.

Há então uma pergunta essencial e atual, Tem Você agido de acordo com o desejo que o habita?

Se para Freud o desejo é indestrutível e para Lacan a ética é de desejo, existe uma

“atualidade” na ética ligada à subjetividade da época?

Termino com outra frase do mestre Lacan: “A única coisa de que se pode ser culpado é de ter cedido ao desejo”.

“Desejo e escrita, aquilo que não se pode apagar”

*“O sonho, é um livro enrolado, solta fumaça,
como se fosse um grande forno...”*

Juan Gelman – Valer a pena

“Eles estão na minha frente, olho arregalado, e subitamente me vejo nesse olhar de espanto: o pavor deles. Fazia dois anos que vivia sem rosto”

Assim começa Semprún seu texto chamado: **“A escrita ou a vida”**, 50 anos depois de ter saído do lager. A escrita inaugural, como é chamada, traços da escrita do dizível sobre a experiência do campo de concentração.

Ao regressar a Buchenwald em 1992, ficou surpreendido por encontrar o formulário com os dados exigidos pelo escrivão para sua admissão no campo.

*“Não, não tinha escrito **Student** o camarada alemão desconhecido. Influenciado sem dúvida por uma associação fonética, ele tinha escrito **Stukateur**. Olhei para o cartão, as minhas mãos estavam a tremer”.*

*“O simples fato de ter sido registrado como “estucador” salvou-me dos transportes para Dora. Segurei a minha ficha na minha mão, meio século depois, tremendo. Aquela palavra absurda e mágica, **stukateur**, que talvez me tivesse salvado a vida”.*

A substituição não é um equívoco na escrita.

O encontro casual com o escrevente, não com um Outro absoluto, mestre da vida e da morte, mas com um Outro semelhante que, ao substituir “estudante” por “estucador”, lhe dá uma profissão, é um Outro que o salva de ser enviado para trabalhos forçados. Evitar Dora, (um campo com nome de mulher) implicou uma tentativa de salvar a vida?

Este trocadilho significante, lugar de clivagem, baseia-se na existência do significante, na medida em que o ser falante está imerso na linguagem. O jogo significante é o que o salva, ou pelo menos o afasta da possibilidade da morte real. É o que marca a sua dívida.

“No Petit Schubert, boulevard du Montparnasse, poucos dias depois de minha chegada a Paris, apertei Odile entre meus braços”.

“Era mais eu que lhe pertencia, já que ela era a vida e queria pertencer à vida, plenamente. Ela reinventou para mim, comigo, os gestos da vida. Reinventou meu corpo, um uso do meu corpo, pelo menos, que já não era estritamente o de uma economia de sobrevivência, mas o dom do desperdício amoroso”.

*“Acordei... havia saído de fato, num sobressalto, da realidade do sonho, mas apenas para mergulhar no sonho da realidade: **no pesadelo**, melhor dizendo.*

Logo antes disso, estava perdido num universo agitado, opaco, turbilhonante.

Uma voz retiniu naquelas paragens confusas, restabelecendo a ordem. Uma voz alemã, carregada da verdade ainda bem próxima de Buchenwald”.

O que se segue é o texto de um sonho, sendo uma escrita, que cifra, seguindo Lacan, “quando Freud se dirige ao sujeito para dizer, aqui no campo do sonho, você está em casa”.

“KREMATORIUM, AUSMACHEN!”, dizia a voz alemã. **“Crematório, apaguem!”**

Texto elaborado a posteriori, que incluo como associações:

“Uma voz abafada, irritada, imperativa, que retinia no meu sonho... me fazia acreditar que eu havia enfim acordado, de novo — ou ainda, ou para sempre —, na realidade de Buchenwald: que jamais saíra de lá, apesar das aparências, apesar dos simulacros e dos salamaleques da existência”.

“O corpo de Odile se oferecia ao meu olhar na plenitude lânguida do repouso. Mas a certeza tranquilizadora de sua beleza não me distraiu da minha dor”.

Crematório, apaguem! estes significantes – que ressoam como ecos de um imperativo nas palavras de um Outro que o submete a um gozo – subtraídos da insistência na cadeia que aparecem através das memórias – são o texto do sonho.

No enunciado do sonho, só aparecem estes dois significantes: **crematórios apaguem!**

Por que é que é um sonho que provoca um despertar abrupto? pois poderia implicar um alívio de não se queimarem mais corpos, a menos que sejam outros corpos, já não os trazidos pela memória consciente. (A dos companheiros nos catres, do estertor dos moribundos).

Qual é o wunsch do sonho?

Há um desejo articulado, um desejo formulado, aquilo que implica satisfação verbal, é aí que o sujeito do *wunsch* está satisfeito, está satisfeito em dizer: Crematórios apaguem!

A fórmula do *wunsch* é: **“apagar o fogo”**

Assim, **“Corpos que ardem”**, é o efeito do *apagar* do enunciado, que reaparece produzindo um novo significado ao juntar-se **à sexualidade e à morte**, o que está articulado ao nível do desejo do sonho.

Por que é que este sonho não traz alívio? “Porque o trauma reaparece no sonho e muitas vezes com o rosto desvelado. Como pode um sonho portador do desejo do sujeito, produzir o que faz ressurgir repetidamente no trauma, se não o seu próprio rosto, pelo menos a tela que nos diz que ainda está por detrás dele?” (J. Lacan, Seminário dos Quatro Conceitos).

Qual é o desejo deste sonho?

O desejo do sonho inclui duas vertentes:

Apagar o fogo do sexual e apagar a vida, como desejo de morte.

Primera vertente:

No relato, Quem era a vida? Quem representa a vida? Uma mulher, Odile.

Este encontro dos corpos que queimam, ardem, aqueles que são salvos, não do corpo que suporta a condição de sobrevivente; num desencontro, por sua vez, pois recuperar o corpo erótico implica algo que o aterroriza, recupera os traços do prazer, mas não o distrai da dor.

Lemos uma articulação de sexualidade e morte. *“Só a morte voluntária, deliberada, poderia me desviar da minha dor, livrar-me dela. Afastei-me de Odile, aterrorizado por essa evidência”.*

Segunda vertente:

O desejo é o desejo da morte. Esse desejo é o indizível – já não da experiência do lager – mas do indizível *“do óbito, aquilo que não pode ser vivido”*. Exceto para aliviar a dor, sendo esta a investitura indispensável para cobrir algo intolerável para o sujeito.

O que é que o sonho nos diz, nos seus diferentes níveis, o do enunciado, o do *wunsch*, em elisão, e na enunciação?

Este sonho, um articulador da passagem de ser um sobrevivente – isto é não permanecer do lado do gozo do Outro, na condição de objeto, ao qual foram reduzidos – e uma tentativa possível do encontro com uma mulher, sem estar tão impregnado do real da morte, que possa suportar o “desperdício amoroso”.

Será que “apagar” nos diz que algo mais precisa de ser tratado, entre o real das cinzas dos crematórios e o real do sexo? Será nesta insistência do **apagar** que poderíamos localizar uma tentativa de articulação simbólica, através de uma formação do inconsciente, entre a morte e a vida? Será que nos diz algo sobre uma passagem entre morrer e viver, recuperando o gozo da vida?

Simulacros e salamaleques, investiduras necessárias para suportar a dor da existência.

“No último termo da existência não há outra dor além da dor existencial, a dor de estar sujeito aos efeitos da castração”. - Jacques Lacan Seminário VI

A dor de existir, a vida e a morte mudam por estar no mundo do significante, implica os efeitos que produz a significação da castração num sujeito.

Finalmente: *“Nada me distraiu da minha dor”*. *“A dor está ligada com a dor de existir, quando nada habita a vida, a não ser a própria existência, e no sofrimento tudo tende a abolir aquele termo indarraigável que é o desejo de viver”*. J. Lacan

Em conclusão:

Para Jorge Semprún, *“A escrita jamais apagava essa desgraça da memória. Muito pelo contrário, aguçava-a, escavava-a, reavivava-a. Tornava-a insuportável. Só o esquecimento poderia me salvar... só posso viver assumindo essa morte pela escrita, mas a escrita me impede literalmente de viver”*.

Não se produziu uma elaboração suficiente, o encadeamento entre o Real, o Imaginário e o Simbólico, estas três dimensões do dizer, ainda não eram articuláveis.

A impossibilidade de escrever na terceira pessoa, ainda mais na primeira, carregava a proximidade do mortífero da escrita, daqueles gozos severos em cada traço.

Dirá em A Escrita ou a vida: *“a verdade essencial da experiência não é transmissível... só o é pela escrita literária, pelo artifício da obra de arte, a literatura, não a simples descrição do horror será a exploração humana no horror do mal”*.

Será a posteriori, através da criação de histórias, através dos personagens de seus romances, sobre os quais cairão seus “outros nomes”, os nomes da guerra, os pseudônimos da clandestinidade, estes que escondem outro nome, o seu próprio. Esta recriação literária impede-lhe permanecer vinculado ao gozo do real, algo do sujeito é escrito, recuperando os traços ao redor do buraco.

Para J. Lacan, escrever é assim um traço onde o efeito da linguagem pode ser lido, portanto, escrever é um suporte para o gozo quando já não é mais mortal?

Há marcas desse real que, sendo impossível, talha, só no enlaçamento com o Imaginário e o Simbólico se faz fronteira com o insuportável.

Há uma ética em que o desejo está no centro, a partir daí, a escrita que não poder ser apagada, dando conta da não-exterminação dos traços do sujeito, que pode ser letra, mesmo assim há um real que não cessa de não ser inscrito.

“O real é o possível, à espera de se escrever,” diz Lacan no Seminário XXIV.

A escrita romanceada – nas diferentes reconstruções feitas na trajetória da sua obra – a necessidade da ficção, essa vertente da verdade, produz uma diminuição da hiância entre o Real e a articulação na produção literária, como expressão do Simbólico enlaçando, por sua vez, com o Imaginário.

Será que a escrita romanceada da conta do Simbólico da morte?

No dizer de Semprún: *“tenho que fabricar vida com toda essa morte. E a melhor maneira de conseguir é a escrita”*.

“Distrair-se de você mesmo, da existência que o habita, o investe obstinadamente, obtusamente também: obscuro desejo de continuar a existir, de perseverar nessa obstinação, seja qual for o acerto, o desacerto”.

Isto dá conta do título do meu trabalho: “desejo e escrita, o que não se pode apagar”

Mónica Soledad Vidal

AME- Triempo, Institución Psicoanalítica

Congresso Convergência 2023



